

CASAMENTO POR CONVERGÊNCIA: IDENTIDADES ESTATAIS E A ALIANÇA ENTRE SÍRIA E IRÃ

MARRIAGE BY CONVERGENCE: STATE IDENTITIES AND THE ALLIANCE BETWEEN SYRIA AND IRAN

Camila Hirt Munareto¹ e Gabriela Santos da Silva²

Resumo: Este artigo procura compreender como as identidades influenciam o surgimento e a manutenção da aliança sírio-iraniana. Por meio de uma análise qualitativa e interpretativa da literatura sobre o tema, a pesquisa investiga três momentos: a guerra entre Irã e Iraque, a Guerra do Líbano e o conflito na Síria, a fim de compreender os elementos que constituem esse vínculo. Argumenta-se que a aproximação – e a manutenção – da aliança entre Síria e Irã é pautada pela complementariedade de suas identidades estatais, constituindo o que denominamos de “casamento por convergência”.

Palavras-Chave: Síria; Irã; identidade

Abstract: This article examines how identities influence the creation and maintenance of the Syrian-Iranian alliance. By means of a qualitative and interpretative analysis of the specialized literature, the research analyzed three moments – the war between Iran and Iraq, the Lebanon war and the conflict in Syria – to unveil the constitutive elements of this bond. The rapprochement – and maintenance of the alliance – between Syria and Iran is guided by the complementarity of their state identities, constituting a ‘marriage by convergence.’

Keywords: Syria; Iran; identity

Introdução

Desde 1979, com a eclosão da Revolução Islâmica e a instauração do regime revolucionário iraniano, Síria e Irã têm sido importantes aliados dentro do Oriente Médio. O governo sírio – que mantinha certa desavença com o Irã pré-revolucionário devido à aproximação do Xá com os norte-americanos – foi o primeiro país árabe a reconhecer o novo regime após a queda da monarquia, e quando a guerra Irã-Iraque teve início a Síria deu um passo além e se tornou uma das grandes apoiadoras do Irã, transformando a relação em uma verdadeira aliança – que perdura até os dias de hoje (Goodarzi, 2009: 34; Seale, 1995: 358).

Diante da percepção de que o vínculo entre os dois países se trata de uma das mais importantes e duradouras alianças na região, o presente trabalho tem como objetivo investigar os elementos que constituem a parceria entre Síria e Irã. Ainda que outras iniciativas

1 Doutoranda em Estudos Estratégicos Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestra em Ciências Sociais e bacharela em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa sobre as Relações Internacionais do Mundo Árabe (NUPRIMA). Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3222216021979176>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4169-7927>. Contato: camila.hirt.munareto@gmail.com

2 Doutoranda e mestra em Estudos Estratégicos Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bacharela em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pós-Graduada em Estudos Diplomáticos pelo Centro de Estudos em Direito e Negócios (CEDIN). Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa sobre as Relações Internacionais do Mundo Árabe (NUPRIMA). Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1377270177618254>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6709-0205>. E-mail: silva.gaabii@gmail.com

tenham sido feitas nesse sentido, a literatura tende a focar nos condicionantes geopolíticos dessa aproximação, considerando a relação entre esses países um “*casamento de conveniência contra inimigos comuns em uma atmosfera de crise e de isolamento político no Oriente Médio*” (Kandil, 2008: 440³). Essas explicações, no entanto, desconsideram que a tomada de decisão ocorre diante de um determinado contexto interpretativo e ignoram os fatores sociais e intersubjetivos envolvidos na construção dos interesses estatais.

Diante dessas limitações, este artigo parte do entendimento de que a identidade está no centro do processo de definição de interesses e formação de alianças, procurando analisar a relação sírio-iraniana a partir da ótica construtivista das relações internacionais. Para tanto, adota-se o princípio construtivista de que “a realidade social emerge da atribuição de sentido e funções a objetos físicos”, de modo que “entendimentos coletivos, como as normas, fornecem um propósito aos objetos físicos e portanto ajudam a construir a realidade” (Adler, 1999: 207). Essa perspectiva não coloca questões identitárias e geopolíticas como opostas, e tampouco desconsidera a influência que as questões materiais exercem na construção da aliança entre os países. O que se propõe, na verdade, é que, embora se aceite a noção de que há um mundo real e material, ele “não é inteiramente determinado pela realidade física e é socialmente emergente” (Adler, 1999: 208). Desse modo, considera-se que os determinantes geopolíticos adquirem importância para a constituição da relação sírio-iraniana a partir do sentido atribuído a eles por ambos os países.

Apesar da consolidação do campo construtivista nas Relações Internacionais, observa-se uma lacuna na exploração dos elementos identitários no que diz respeito à aliança entre Síria e Irã. Nesse sentido, este artigo procura responder à seguinte pergunta de pesquisa: Como as identidades influenciam o surgimento e manutenção da aliança sírio-iraniana? Por meio de uma análise qualitativa e interpretativa da literatura sobre o tema, propõe-se: (i) descrever as relações entre Síria e Irã a partir de três episódios históricos em que tais laços foram aprofundados – guerra entre Irã e Iraque (1980-1988), Guerra do Líbano (2006) e o conflito na Síria (2011); (ii) investigar as identidades e os interesses regionais de Síria e Irã; (iii) compreender como estes exercem influência na política externa desses países e na constituição da aliança; e (iv) analisar as transformações experimentadas por essa relação nos momentos elencados.

Argumenta-se, assim, que a aproximação – e a manutenção – da aliança entre Síria e Irã é pautada por suas identidades estatais, constituindo o que denominamos “casamento por convergência”. As identidades dão forma aos interesses de cada um dos países e, com isso, influenciam na delimitação de suas parcerias externas. Nesse sentido, do mesmo modo que a convergência entre as identidades estatais possibilitou a aproximação entre Síria e Irã, essas identidades também foram transformadas a partir da aliança, adquirindo novos interesses no decorrer do tempo. Isso nos permite argumentar que as identidades e

3 Tradução nossa. A versão original, em inglês, é a seguinte: “a marriage of convenience against common enemies in an atmosphere of crisis and political isolation in the Middle East”

a aliança sírio-iraniana existem por meio de interações recíprocas e influência mútua, o que as confere um caráter mutável e favorece a continuidade da relação. Nesse sentido, ainda que a parceria sírio-iraniana tenha sido estabelecida em um contexto de isolamento político e identificação de inimigos em comum, argumenta-se que a persistência dessa aliança não é apenas conveniente, mas sim resultado de um processo de retroalimentação entre suas identidades, o que foi capaz de consolidar essa parceria ao longo dos anos.

O processo de formação das alianças e a coconstituição da relação entre Síria e Irã

A compreensão da relação estabelecida entre Síria e Irã passa necessariamente pela análise dos fatores que influenciam seus comportamentos na esfera regional. Ainda que nos estudos de segurança seja consenso que os Estados se aproximam uns dos outros com base em interesses em comum e para conter ameaças compartilhadas, essas abordagens ignoram fatores sociais e intersubjetivos envolvidos na construção das preferências estatais e na identificação de inimigos. Por mais que essa perspectiva securitária consiga justificar a aliança sírio-iraniana estabelecida desde 1979 com base, por exemplo, na ameaça comum representada por Israel, ela não explica por que a Síria – um Estado defensor da narrativa panarabista⁴ – não identificou no Irã revolucionário um perigo aos seus ideais regionais. Por esse motivo, a presente seção tem como objetivo apresentar como o processo de construção de interesses e sua influência no estabelecimento de parcerias no cenário internacional pode contribuir para a análise da relação sírio-iraniana e justificar sua solidez ao longo dos anos.

Entende-se, assim, que o debate sobre a construção de alianças deve ir além da análise da distribuição de poder regional e se concentrar na formação social dos interesses estatais e dos fatores intersubjetivos no processo de identificação de ameaças. Enquanto análises securitárias costumam conceituar os interesses estatais como estáveis e idênticos – variando entre alguma combinação de poder, segurança e renda –, este trabalho considera que eles emergem da interação social, variando cultural e historicamente (Finnemore, 1996: 2; Katzenstein, 1996). Ao contrário de perspectivas que defendem que os interesses são deduzidos dos mecanismos da anarquia internacional e da distribuição de recursos materiais, a abordagem teórica adotada neste artigo entende que “identidades, interesses e o comportamento dos agentes políticos são socialmente construídos por significados, interpretações e pressupostos coletivos sobre o mundo” (Adler, 1999: 209; 2013: 123).

Nesse sentido, os objetivos geopolíticos adquirem importância a partir do significado atribuído a eles social e intersubjetivamente. Por mais que se reconheça que a capacidade

4 “O Pan-Arabismo designa o movimento cuja premissa central é que os povos do mundo árabe constituem uma só nação unida por patrimônio linguístico, cultural, religioso e histórico comum, apelando ao comunismo supranacional entre os Estados árabes baseado em preceitos nacionalistas, seculares e estatizantes [...]” (Pinto, 2016: 84). Ao longo dos anos o panarabismo, ao mesmo tempo em que sofria adaptações, tornou-se parte da identidade de muitos países e, inclusive, dos habitantes destes – fazendo parte de uma questão identitária e nacionalista de parte da população do Mundo Árabe.

militar e os recursos financeiros e estratégicos desempenham um papel significativo na definição de ameaças – e, por conseguinte, no estabelecimento dos interesses além das fronteiras –, elementos como ideias, símbolos e crenças têm um papel central na delimitação de quais parceiros são mais ou menos desejáveis (Barnett, 1996). Isso não significa que questões geopolíticas não tenham influência na formulação de alianças, mas sim que esses elementos são mediados por questões identitárias e intersubjetivas. O construtivismo põe fim à noção de que objetos materiais ou ideias constituem os interesses, e avança a noção de que os interesses são ideias sobre e para o mundo material. As ideias “são o meio propulsor da ação social; definem os limites do que é cognitivamente possível ou impossível” e, com isso, influenciam a atuação dos Estados no mundo material (Adler, 1999: 210; 2013: 123).

Tal perspectiva confere um caráter endógeno ao processo de formação de alianças. Isso significa que a forma como os atores definem a si mesmos – sua identidade, o que são, seus objetivos e os papéis que acreditam que devem desempenhar – também exerce influência na delimitação das preferências estatais e na identificação das ameaças (Guzzini; Leander, 2006: 3). É a partir da identidade que os atores concebem e constroem o mundo, o que faz com que algumas alianças sejam consideradas necessárias, possíveis ou razoáveis, enquanto outras não cheguem nem a ser cogitadas. Desse modo, alterações identitárias acarretam mudanças substanciais nos interesses estatais e, conseqüentemente, nas relações que os atores estabelecem uns com os outros (Jepperson; Wendt; Katzenstein, 1996; Kowert, 2015: 283).

A formação das identidades, no entanto, não ocorre isolada do contexto externo. O cenário internacional não só exerce influência sobre a formulação de interesses por meio da apresentação de oportunidades e/ou restrições ao comportamento estatal, como também as interações externas de um determinado Estado moldam suas percepções do mundo e do seu papel nele (Finnemore, 1996: 2). Nesse sentido, as alianças formadas no cenário internacional são capazes de delimitar os interesses dos Estados envolvidos e modificar suas respectivas identidades.

Pode-se argumentar, assim, que as identidades estatais e o processo de formação de alianças se desenvolvem a partir da lógica construtivista de coconstituição⁵. Ainda que o conceito de coconstituição esteja originalmente associado ao debate entre agente e estrutura, o fato das identidades e preferências dos atores poderem moldar e serem moldados pelos interesses de seus pares torna-o adaptável ao entendimento da relação entre os agentes. Se por um lado a aliança entre Síria e Irã é produzida, reproduzida e alterada pela identidade,

5 Para a teoria construtivista, o conceito de coconstituição sugere que “as ações dos Estados contribuem para construir as instituições e normas da vida internacional, e essas instituições e normas contribuem para definir, socializar e influenciar os Estados”, de modo que “tanto as instituições quanto os atores podem ser redefinidos no processo” (Hurd, 2008: 304, tradução nossa. No original: “the actions of states contribute to making the institutions and norms of international life, and these institutions and norms contribute to defining, socializing, and influencing states”). Considera-se, assim, que as estruturas e os agentes existem por meio de interações recíprocas, de maneira que, ao mesmo tempo em que as estruturas constituem os atores em termos de seus interesses e identidades, elas também são influenciadas pelas práticas dos agentes (Guzzini; Leander, 2006: 3).

pelos interesses e pelas práticas dos agentes que a compõem, por outro a existência dessa aliança e as relações estabelecidas entre seus atores são capazes de reforçar e modificar determinados elementos que constituem suas identidades. Faz sentido, portanto, argumentar que a identidade e as alianças existem por meio de interações recíprocas e influência mútua.

Além disso, assim como a identidade varia de acordo com o período, região e contexto em que os países estão inseridos, as alianças também são socialmente construídas e estão sujeitas a mudança (Chernoff, 2007: 143). Isso implica que as motivações que levaram à constituição da aliança sírio-iraniana em 1979 podem ter se alterado ao longo dos 40 anos de interação entre esses atores. Desse modo, deve-se admitir que os interesses que mantêm essa aliança podem ser distintos daqueles que deram origem a ela. Com isso, a avaliação das motivações que os aproximaram deve levar em conta não só os elementos que constituem suas identidades, mas também a forma que esses elementos se alteram a partir de suas interações.

Uma análise interpretativa: três momentos de convergência identitária

A partir do entendimento de que os determinantes geopolíticos são mediados pelos significados sociais e intersubjetivos atribuídos a eles, este trabalho coloca o processo de construção de identidades no centro da análise da formação de alianças no cenário internacional. Admite-se, assim, que a identidade não é uma variável entre outras, mas o próprio contexto diante do qual as capacidades materiais são avaliadas, as relações externas são formuladas e as alianças estabelecidas. Isso implica que a identidade e o processo de formação de alianças não podem ser separados analiticamente, de modo que a compreensão das relações entre Síria e Irã demanda a utilização de uma abordagem qualitativa e interpretativa de análise.

A adoção dessa abordagem metodológica, além de permitir que identifiquemos os elementos que compõem as respectivas identidades desses atores – e com isso acessemos as motivações dos Estados para aderirem à aliança –, também possibilita analisarmos de que modo essas identidades se modificaram ao longo dos últimos quarenta anos. Assim como é posto por Adler (1999: 215), o construtivismo toma as motivações como causas. Isso significa que normas, regras, identidades e interesses constituem socialmente a ação humana – ou seja “causam” determinado comportamento. Nesse sentido, uma abordagem construtivista para a determinação da aliança entre Síria e Irã passa, necessariamente, pela identificação e interpretação dos elementos que motivaram sua aproximação e sustentaram essa relação ao longo do tempo. Não há aqui uma relação de causalidade no sentido determinístico para a formação da aliança, mas sim o reconhecimento de traços identitários comuns, capazes de motivar e estabelecer a conexão entre os dois países.

Entretanto, ainda que a identidade adquira caráter central dentro da pesquisa, é importante pontuar que o objeto de análise é o Estado. Isso nos leva a uma investigação da identidade estatal (e não nacional) dos países. Sendo os Estados sírio e iraniano os

principais atores dessa relação, o presente trabalho não pretende explorar os condicionantes internos de suas identidades. Por mais que se admita que a relação entre as forças sociais dos países implique alterações em sua identidade, para os fins do presente trabalho, serão considerados os elementos identitários articulados pelos Estados. Dessa forma, quando as categorias “identidades” e “interesses” forem instrumentalizadas, elas estarão fazendo referência ao Estado enquanto unidade de análise.

Essas identidades e interesses serão inferidos a partir do exame de pronunciamentos e manifestações das lideranças políticas sírias e iranianas e da literatura sobre o tema. Ainda que se deva admitir que certos aspectos simbólicos e identitários possam ser articulados pelas elites políticas para atingir fins distintos, entende-se que suas manifestações públicas são uma forma de projetar e delimitar os interesses do Estado. Além disso, esses elementos serão validados a partir de sua intersecção com a literatura já produzida sobre o tema, de modo a conferir maior objetividade à análise.

Além disso, partindo do pressuposto de que essas identidades podem se alterar com o tempo, este trabalho elencou três momentos de análise para a execução da pesquisa. Como foi abordado anteriormente, Síria e Irã mantinham certa desavença no período anterior a 1979 – em grande parte devido à aproximação do Xá com os norte-americanos. Com a Revolução Islâmica, no entanto, não só a Síria foi o primeiro país árabe a reconhecer o novo regime após a queda da monarquia, como os dois Estados passaram a estreitar seus laços. Desde então, a aliança entre Síria e Irã apresenta certa regularidade. Apesar disso, é possível elencar três momentos em que os laços entre os dois países passaram por modificações: (i) a guerra entre Irã-Iraque (1980-1988); (ii) a Guerra do Líbano, de 2006; e (iii) a guerra civil na Síria, iniciada após a Primavera Árabe, de 2011. Esses episódios históricos serão utilizados como momentos de observação, a fim de identificar os elementos identitários que compunham a aliança e observar como eles evoluíram ao longo do tempo.

A guerra entre Irã e Iraque possibilitou o aprofundamento da recém-criada aliança sírio-iraniana. Durante os oito anos de conflito, a Síria desempenhou um papel fundamental no fornecimento de armamentos e inteligência soviéticos para o regime do Irã, permitindo que o país contornasse o isolamento regional após a revolução (Goodarzi, 2009: 34; Seale, 1995: 358). Com isso, considera-se que o apoio contínuo e persistente da Síria ao longo do conflito foi essencial para que a aliança estabelecida em 1979 se solidificasse.

Já em 2006, na guerra do Líbano, a relação aprofundou seus laços de cooperação com o Hezbollah. Ainda que a organização fosse um elemento de conexão entre os dois países desde a década de 1980, o fato de Síria e Irã terem sido os únicos Estados do Oriente Médio a fornecerem apoio no conflito contra Israel indica que esse foi um momento central na consolidação dessa aliança no âmbito regional.

Por fim, o último episódio a ser analisado é guerra civil na Síria, que teve início em 2011. É nesse momento que a parceria entre os países é novamente testada, uma vez que o Irã se torna um dos únicos parceiros de Assad na região. Nesse sentido, o auxílio iraniano

se torna fundamental na garantia de sobrevivência de Assad e, por conseguinte, na duração do conflito – atribuindo um novo caráter à aliança.

A aliança sírio-iraniana: aproximação, consolidação e continuidade

Definidos os momentos de análise da relação entre Síria e Irã, esta seção tem como objetivo desdobrá-los e apresentar as dinâmicas identitárias que possibilitaram sua constituição. Enquanto a Guerra Irã-Iraque facilitou uma aproximação inicial entre os dois países, a Guerra no Líbano permitiu a consolidação do seu vínculo. Por fim, a Guerra na Síria representa a continuidade dessa aliança após mais de 40 anos de reforço mútuo.

A Guerra Irã-Iraque: isolamento regional e convergência de identidades

O envolvimento sírio na Guerra entre Irã e Iraque⁶ foi o primeiro passo em direção a uma longa aliança entre Damasco e Teerã. Inicialmente esperava-se que, com a eclosão das hostilidades, a Síria se unisse aos demais países árabes e fornecesse apoio ao regime iraquiano, ou ao menos declarasse sua neutralidade no conflito. Isso porque, além das semelhanças ideológicas entre os governos de Assad e Hussein – que eram ambos parte do Partido Ba’ath⁷ e fundamentavam suas políticas externas na narrativa panarabista –, entendia-se que uma associação com o Irã xiita e revolucionário poderia intensificar os ataques ao regime sírio e reforçar acusações de sectarismo por parte de Assad⁸ (Ehteshami; Hinnebusch, 1997: 98). No entanto, contrariando essas expectativas, a guerra representou uma oportunidade para que os países aprofundassem suas conexões e transformou a emergente relação sírio-iraniana em uma aliança formal, e provavelmente uma das mais estáveis da região (Goodarzi, 2009: 13).

Dentre as razões que levaram a essa aproximação, a oposição à hegemonia ocidental no Oriente Médio e a ameaça comum representada por Israel são explicações preponderantes

6 Após a Revolução Islâmica de 1979, o Irã passou a ser percebido como uma ameaça para o regime iraquiano. Além da retórica islâmica revolucionária, o financiamento de grupos armados e organizações xiitas que atuavam em oposição a Saddam Hussein reforçaram a ideia de que a conduta iraniana constituía uma violação à integridade do Iraque (Karsh, 2002: 13). Apoiado na percepção de que seria uma vitória rápida e sob a justificativa de conter o avanço revolucionário, em setembro de 1980 Saddam Hussein tomou a decisão de invadir o território iraniano. Contudo, ao contrário do que se imaginava, o conflito se transformou em uma das guerras mais longas de toda a história do Oriente Médio e teve fim apenas em 1988, quando ambos os países concordaram em assinar a resolução nº 598 do Conselho de Segurança das Nações Unidas, que estabelecia o cessar-fogo do conflito (Goodarzi, 2009: 12).

7 O Partido Ba’ath surge com uma ideologia diferente da de outros partidos que assumiram poder na região. Com base em ideias socialistas e democráticas, tinha também o nacionalismo árabe como um ideal de extrema relevância. No entanto, o partido Ba’ath propunha adotar um sistema laico de governo, diferindo de diversos países da região que se fundamentavam em sistemas e regimes sectários (Hinnebusch, 1990: 20; Van Dam, 2011: 17)

8 Essas acusações se baseiam na origem histórica da vertente alaúta no islã, que até o século IX fazia parte do xiismo. Nesse sentido, cria-se uma noção de um “eixo xiita” na região, que justificaria a aliança entre Síria e Irã, e, por conseguinte, colocaria pressão na Síria por adotar uma postura sectária, ao mesmo tempo que, por meio do Partido Ba’ath, promove a separação da religião e da política (Friedman, 2010: xi, 5).

na literatura (Ehteshami; Hinnebusch, 1997: 88). Centradas na configuração de poder regional, essas explicações veem a relação sírio-iraniana como resultado de um cálculo custo-benefício, mas ignoram que essa avaliação ocorre em meio a um determinado contexto identitário, em que as ameaças e parcerias são definidas a partir de critérios subjetivos e de interação social. Nesse sentido, entende-se que o vínculo entre os dois países se sustenta em elementos que vão além das dinâmicas de distribuição de poder, e engloba o processo de construção e ressignificação de suas identidades e preferências estatais.

No Irã, a Revolução Islâmica de 1979 alterou a identidade do Estado. Não só o caráter islâmico do novo regime se expressou no cenário político-social iraniano por meio da institucionalização do *valayat al-faqih*, mas também a identidade iraniana se transformou de uma monarquia nacionalista para um movimento universal revolucionário, na vanguarda por uma nova ordem mundial (Adib-Moghaddam, 2010: 45). No centro dessa nova interpretação do que constituíam os interesses do país estavam os conceitos de ocidentalização e intoxicação ocidental (*westoxication*)⁹, que foram articulados pelos ativistas como um elemento de mobilização das massas, no qual o orgulho nacional e o retorno às tradições islâmicas do Irã foram utilizados para materializar uma modernidade e uma nova identidade iraniana, que não ficou restrita ao nível abstrato e foi formalizada na constituição do país:

Com a devida atenção ao conteúdo islâmico da Revolução Iraniana, que tem sido um movimento visando o triunfo de todos os oprimidos sobre os opressores, a Constituição fornece a base necessária para garantir a continuação da Revolução em casa e no exterior. Em particular no desenvolvimento das relações internacionais, a Constituição lutará com outros movimentos islâmicos e populares para preparar o caminho para a formação de uma única comunidade mundial [de acordo com o versículo do Alcorão, “Esta sua comunidade é uma única comunidade, e eu sou o teu Senhor, então adora-me” (21:92)] e para assegurar a continuação da luta pela libertação de todos os povos desvalidos e oprimidos do mundo (Constitute, 2023).

Ao declarar que o objetivo do Irã é trazer o triunfo do oprimido sobre o opressor e fornecer “a base necessária para garantir a continuação da Revolução em casa e no exterior”, a constituição estabeleceu os novos princípios da identidade iraniana (Adib-Moghaddam, 2010: 57¹⁰). Como consequência dessa nova configuração identitária, houve um processo

⁹ Esses conceitos surgiram em resposta às reformas modernizantes executadas durante o regime do Xá e sua inadequação ao contexto iraniano. Concebidos principalmente como uma “uma modernização autocrática de cima para baixo, em um plano tirânico e destrutivo de mudança social”, eles evidenciavam a incapacidade do Ocidente compreender as dinâmicas dos países não-ocidentais e advogavam por uma modernização que fizesse jus à “história autêntica” e à “identidade” do Irã (Mirsepassi, 2019: 17, 49, tradução nossa. No original: “top down autocratic modernization, in a tyrannical and destructive plan for social change”, “Iran’s authentic history and identity”).

¹⁰ Tradução nossa. No original: “With due attention to the Islamic content of the Iranian Revolution, which has been a movement aimed at the triumph of all the mustad’afun over the mustakbirun, the Constitution provides the necessary basis for ensuring the continuation of the Revolution at home and abroad. In particular, in the development of international relations, the Constitution will strive with other Islamic and popular movements to prepare the way for the formation of a single world community (in accordance with the Qur’anic verse “This your community is a single community, and I am your Lord, so worship Me” [21:92]), and to assure the continuation of the struggle for the liberation of all deprived and oppressed peoples in the world.”

gradual de islamização da sociedade, o que incluía uma mudança nos símbolos iranianos – como a bandeira do país e o hino nacional – e a adoção de um novo calendário político-religioso. Transformações na esfera cultural e nos espaços físicos iranianos também puderam ser observadas, com a construção de novos monumentos e praças públicas que faziam referência aos princípios revolucionários, e modificações no sistema de ensino e nos livros didáticos, a fim de transmitir para a próxima geração de iranianos os elementos dessa nova identidade (Alimaghani, 2021:160-177; Bayat, 1996: 44; Martin, 2003: 159-160).

Além disso, com a institucionalização dos ideais revolucionários como normas centrais da República Islâmica, as preferências estratégicas do Estado iraniano também foram modificadas (Adib-Moghaddam, 2010: 35). Sustentada em uma percepção que concebia a ordem internacional como hierárquica e injusta, a política externa iraniana pós-1979 foi marcada por tentativas persistentes de desafiar o *status quo*. Os ideais de independência e autonomia refletiram em uma política externa anti-imperialista, não alinhada com nenhum bloco político, centrada na oposição ao Ocidente e a Israel e no desejo de difundir o islamismo para além de suas fronteiras (Ehteshami; Hinnebusch, 1997: 42; Hunter, 2010: 27).

Foi justamente essa oposição à presença de Israel no Oriente Médio que soou como uma oportunidade para a aproximação entre Síria e Irã. Desde a derrota árabe em 1967, o governo de Assad buscava ampliar suas relações regionais para conter Israel. Ainda que ao longo da década de 1970 o país tenha conseguido construir alianças com outros países árabes – como o Egito e o Iraque –, em 1979, após o Tratado de Paz egípcio-israelense e a degradação das relações sírio-iraquianas¹¹, a Síria permanecia isolada na região. Com isso, o advento da Revolução Islâmica e a instauração de um regime cuja política externa era baseada “na rejeição de todas as formas de dominação”, “na defesa dos direitos de todos os muçulmanos” e no apoio a “qualquer luta justa de povos oprimidos contra os opressores em qualquer face da terra” (Constitute, 2023¹²), apresentou-se como a solução para colocar fim ao isolamento regional sírio (Darwich, 2016: 151-152).

Entretanto, por mais que correspondesse às necessidades estratégicas sírias no período, em um primeiro momento pode-se supor que a aproximação com o Irã não convergia com o caráter panarabista da identidade do país. Ao longo do século XX, a identidade do Estado sírio oscilou entre dois polos: o panarabismo e o nacionalismo sírio. Ainda que até o final da década de 1970 o panarabismo ocupasse um espaço central na definição de seus interesses, o nacionalismo sírio permanecia presente e, diante das limitações da

11 O Iraque parecia ser o único estado capaz de conter o poder de Israel na região e este se tornou um dos principais motivos para a aproximação de Damasco com Bagdá, após o fracasso nas relações sírio-egípcias. No entanto, a ascensão de Saddam Hussein e o fortalecimento das relações do Iraque com outros países da região – especialmente em um momento de animosidade entre este país e o Irã – resultou em infrutíferas as tentativas de aproximação entre Síria e Iraque (Darwich, 2016: 151).

12 Tradução nossa. No original: “the rejection of all forms of domination”, “the defence of the rights of all Muslims”, “it supports the just struggles of the mustad’afun against the mustakbirun in every corner of the globe”.

narrativa panarabista¹³, tornou-se o elemento predominante (Darwich, 2016: 152). Como consequência disso, não só o panarabismo perdeu espaço dentro da definição da política externa síria, mas Assad fez do pragmatismo político uma marca registrada de sua diplomacia na década seguinte (Goodarzi, 2009: 12).

Isso não culminou, no entanto, no abandono do panarabismo por parte da Síria, mas sim na sua modificação. A partir da aproximação com o Irã, o panarabismo sírio foi reorientado para a luta pela Palestina, deixando de estar atrelado à unidade entre os Estados árabes e passando a se relacionar, majoritariamente, com a luta contra Israel. Essa adaptação ocorre especialmente a partir da derrota de 1967, em que Israel ocupa novas terras árabes – incluindo as Colinas de Golã sírias¹⁴ – e a luta contra Israel adquire uma dimensão territorial para a Síria (Hinnebusch, 2005: 136). Com isso, a identidade árabe na Síria não era mais definida pela etnia e língua árabe, mas sim limitada à oposição a Israel e ao seu compromisso com a causa palestina (Darwich, 2016: 153). Assim como é posto por Hinnebusch (2005: 136¹⁵), o panarabismo sírio gradualmente alterou seu significado “de uma causa pela qual a Síria se sacrificaria a um meio para atingir os fins sírios”, de modo que a definição da Síria e de sua identidade e interesse estatal poderia ser melhor caracterizada como “arabismo sirocêntrico”.

Nota-se assim que, por mais que o panarabismo fosse um componente central da identidade síria e uma estratégia discursiva adotada pelo Partido Ba’ath para justificar sua ação externa, o seu significado era moldado de acordo com o contexto e os interesses de cada um dos países (Goodarzi, 2009: 23). Esse também é o caso do Partido Ba’ath iraquiano que, ao ver o Irã como uma ameaça aos países árabes da região, traduz a identidade panarabista em uma justificativa para a invasão. Já no caso da Síria, o Irã revolucionário era visto como um novo aliado na luta contra Israel, de modo que sua identidade panarabista era compatível com essa nova aliança.

Foi diante dessas configurações identitárias que a relação entre Síria e Irã se consolidou. Enquanto para o Irã era essencial estabelecer uma parceria regional diante do conflito com o Iraque e das recentes mudanças internas que vieram a partir da Revolução, para a Síria importava ter um aliado para conter Israel – um movimento que se tornou mais acentuado a partir das tentativas infrutíferas de aproximação com outros países da região. Essa relação, no entanto, não refletia apenas a configuração de poder regional, mas também era

13 Assim como é posto por Hinnebusch (2005: 135), ainda que a Síria tenha sido por muito tempo o centro do sentimento panarabista, ao longo da década de 1970, a lacuna entre o ideal panárabe e a política externa síria aumentou consideravelmente. Após quarenta anos de decepções com projetos de unificação, não só as elites sírias passaram a defender a soberania do Estado, bem como a opinião pública passou a ver esses projetos como objetivos irrealizáveis.

14 As Colinas de Golã fazem parte de um território sírio perdido na Guerra contra Israel em 1967. Desde então, diversas das movimentações da Síria na região tem sido com o intuito de recuperar este território. Em especial, cerca de uma década antes da Guerra do Líbano acontecer, havia negociações entre Síria e Israel e sobre a retirada do exército israelense do território libanês (A. Harel; A. Issacharoff, 2008: 82).

15 Tradução nossa. No original: “from a cause for which Syria would sacrifice to a means to reach Syrian ends”, “syro-centric arabism”

parte da própria identidade síria e iraniana e da percepção que eles tinham em relação ao papel que deveriam desempenhar regionalmente. Para o Irã, a oposição à Israel era um princípio central da identidade revolucionária, e a luta contra o Iraque se transformou em uma oportunidade para reafirmar seu compromisso em difundir os princípios islâmicos. Já no caso sírio, o isolamento regional diante da ameaça israelense fez com que o próprio conceito de identidade árabe do país se adaptasse e tornasse a aproximação com o Irã possível. Nesse sentido, além de o vínculo entre a Síria e Irã se sustentar em elementos centrais de suas identidades, suas preferências externas se alteraram a partir dessa relação.

Observa-se assim que a oposição a Israel constitui o elemento central da aliança estabelecida entre Síria e Irã. Essa oposição, no entanto, não resulta apenas da distribuição de poder regional no Oriente Médio. Ainda que essas dinâmicas tenham influência dentro da percepção de ameaças, a identificação de Israel como um inimigo em comum relaciona-se com a própria identidade de ambos os países. Desse modo, se para o Iraque o Irã revolucionário era uma ameaça aos países árabes da região, para a Síria ele era a possibilidade de pôr fim ao seu isolamento regional e formar um eixo de maior peso contra Israel e as potências ocidentais. De forma semelhante, para o Irã a aproximação com a Síria não só ampliava sua restrita gama de parceiros regionais como também convergia com sua identidade e interesses pós-revolucionários. Com isso, a parceria estabelecida entre os dois países tornou-se uma oportunidade para definir e reafirmar suas identidades, ao mesmo tempo em que conseguiam, de maneira mais objetiva, fortalecer seus interesses regionais a partir do apoio mútuo.

Guerra do Líbano: consolidação da aliança sírio-iraniana no Oriente Médio

Se a Guerra Irã-Iraque foi responsável por estabelecer a parceria entre Síria e Irã, a Guerra do Líbano¹⁶ em 2006 consolidou a aliança. O envolvimento dos dois países no conflito aprofundou o eixo de cooperação com o Hezbollah e colaborou para que a relação entre Damasco e Teerã se tornasse central nas dinâmicas regionais do Oriente Médio. Para

16 A Guerra no Líbano esteve diretamente ligada ao conflito Israel-Palestina. Em apoio ao Hamas, o Hezbollah assassinou e sequestrou soldados israelenses que patrulhavam a fronteira do Líbano. A resposta israelense, apoiada pelos Estados Unidos, foi a aplicação de um plano para acabar com o potencial militar do Hezbollah. Pelos cálculos de Israel, as disputas durariam em torno de 2 ou 3 dias até que o Hezbollah solicitasse um cessar fogo. No entanto, com o escalonamento do conflito e o envolvimento de outros países – em especial, da Síria e do Irã – a guerra teve duração de pouco mais de um mês e culminou na morte de 1000 pessoas do lado libanês (e, segundo várias estimativas, 200 combatentes do Hezbollah) e mais de 160 em Israel (incluindo 43 civis), bem como danos materiais consideráveis nas zonas de conflito. Apesar das enormes perdas libanesas, a guerra marcou um ponto de virada na região e foi caracterizada pela imprensa como uma vitória por parte do Hezbollah. Além desta ser a primeira vez em que a frente israelense esteve sob ataque constante por tanto tempo, as forças de defesa de Israel falharam em suas tentativas de parar as investidas do Hezbollah e o fim da guerra não deixou o país em uma posição de controle, de modo que suas conquistas – que incluíam a remoção do Hezbollah da fronteira – não alcançaram as expectativas inicialmente estabelecidas (Bickerton, 2009: 202; Harel; Issacharoff, 2008:76; Norton, 2006:76; Avon; Khatchadourian, 2012: 82).

compreender o envolvimento da Síria e do Irã no conflito e o apoio fornecido por esses países ao Hezbollah, é necessário primeiramente entender o papel dessa organização na região e a participação de Síria e Irã na sua criação.

Além de ser caracterizado como uma organização terrorista pelos Estados Unidos, o Hezbollah (em árabe, *Hizb Allah*, partido de Deus) é uma entidade multifacetada, que engloba uma milícia libanesa, um movimento social e religioso do xiismo islâmico e um partido político no Líbano – que se caracteriza especialmente por sua oposição à atuação de Israel e das potências consideradas imperialistas na região (Levitt, 2015: 26). Desde a criação e consolidação do Hezbollah ao longo da década de 1980, Síria e Irã têm desempenhado um papel central no treinamento e financiamento do grupo. Se para o Irã o surgimento de um novo partido militante xiita é a realização do princípio revolucionário de espalhar a Revolução Islâmica, para a Síria o Hezbollah era um instrumento para manter sua aliança com o Irã e ganhar os meios para atacar indiretamente Israel e os Estados Unidos, fortalecendo a interpretação do ideal panarabista que havia adotado nos últimos anos (Norton, 2007: 34-35).

A Carta Aberta, manifesto de fundação do Hezbollah, declara que os principais objetivos da organização são destruir a hegemonia americana na região e pôr fim à ocupação israelense (Alagha, 2011: 43). A partir da visão de que o mundo está dividido entre oprimidos e opressores (trechos estes que fazem alusão à própria constituição da República Islâmica do Irã), o Hezbollah confere aos Estados Unidos o papel de principal inimigo do Islã, acusando-os de usar Israel para impor, direta ou indiretamente, sofrimento aos muçulmanos do Líbano (Norton, 2007: 36-38). Nesse sentido, entende-se que o “Hezbollah se apresentava como um ator militante contrário às ações de Israel e das potências ocidentais, e como defensor da criação de um Estado Islâmico para se opor ao que considerava como regimes fantoches do Ocidente no Oriente Médio” (El-Husseini, 2012: 167¹⁷).

Esses elementos definem a identidade e os interesses do Hezbollah e nos auxiliam a interpretar sua aproximação com a Síria e o Irã. É justamente essa oposição feita pelo Hezbollah à atuação norte-americana e à presença de Israel na região que o conecta ao anti-imperialismo da aliança sírio-iraniana (Samii, 2008: 32-34). Desde 1979 a oposição à presença de Israel no Oriente Médio guia os interesses e ações de Síria e Irã na região, de modo que a incorporação do Hezbollah à aliança consolida essa postura. Com isso, em 2006, quando Israel e o Hezbollah travaram disputas ao longo de 34 dias, Síria e Irã foram os únicos países da região a se envolverem no conflito e fornecerem auxílio à organização.

A relação entre o apoio iraniano ao grupo e o caráter anti-imperialista de sua identidade fica evidente a partir das declarações do Líder Supremo do Irã, o Aiatolá Ali Khamenei. Além de caracterizar a agressão no Líbano como uma “trama premeditada e uma medida sionista-americana, executada como um grande passo para dominar o Oriente Médio e o

17 Tradução nossa. No original: “Hizbullah presented itself as a militant counter to the actions of Israel and Western superpowers, and as an advocate for the creation of an Islamic state to oppose what it considered to be Western puppet regimes in the Middle East”

mundo islâmico”, o Líder Supremo enfatizou que “o Hezbollah está na linha de frente da defesa da Ummah muçulmana e de todas as nações da região”, de modo que era dever do Irã “resistir aos atos de intimidação e agressão dos Estados Unidos e às iniquidades do regime sionista” e ficar do lado de “todas as nações oprimidas, especialmente a honrosa nação do Líbano e a valente nação da Palestina” (Khamenei, 2006a¹⁸). Ainda que desde a década de 1990 o Irã tenha adotado uma postura mais flexível em sua política externa, procurando ampliar e diversificar suas relações internacionais, a oposição a Israel e à atuação norte-americana no Oriente Médio permanecem sendo um pilar central da identidade iraniana e sustentaram a assistência militar, técnica e financeira fornecida aos integrantes do Hezbollah durante o conflito (Adib-Moghaddam, 2010: 68; Samii, 2008: 32-34).

Já no que diz respeito ao envolvimento sírio, nota-se que a estratégia inicialmente adotada era a de usar o tumulto causado pelo Hezbollah em seu favor na negociação com Israel para devolverem as Colinas de Golã. A conexão identitária da Síria com o Hezbollah era menor do que aquela que o Irã criou com o grupo – uma vez que este país foi o berço ideológico do Hezbollah. No entanto, ainda assim é possível traçar paralelos entre as identidades da Síria e do Hezbollah, as quais são responsáveis por também aproximar Damasco e Teerã, ou seja, uma identidade anti-israelense. Nesse sentido, a motivação síria se dá dentro da perspectiva de conquistar de volta seu território tomado por Israel. Quando essas negociações não geraram frutos, o novo presidente, Bashar Al-Assad¹⁹, viu o apoio ao Hezbollah como uma forma de se consolidar no poder e na região, fortalecer a relação com o Irã e, a partir da frustração causada pela não recuperação das suas terras, fortalecer ainda mais sua posição – e identidade – anti-israelense (Norton, 2007: 35). Dessa maneira, a Síria não só passou a auxiliar o Hezbollah por meio do envio de armamentos – que, logisticamente, tinham maior facilidade de serem transportados por território sírio (Harris, 2009: 70) –, como também o apoiava verbalmente, por meio de discursos em que ameaçava Israel caso iniciasse ofensivas terrestres (Harel; Issacharoff, 2008: 126-129).

Observa-se, assim, que a Guerra do Líbano em 2006 representou um momento de consolidação da aliança entre Síria e Irã. Desde a década de 1980, a aliança estabelecida com o Hezbollah – por meio de seu treinamento e institucionalização – formava um dos laços mais importantes entre os dois países (El-Husseini, 2010: 801). Em 2006, com o envolvimento sírio-iraniano no conflito, a relação com a Hezbollah foi fortalecida e a atuação dos dois países em um conflito indireto com Israel serviu para reforçar suas respectivas

18 Tradução nossa. No original: “the aggression against Lebanon has been a premeditated plot and an American-Zionist measure, taken as a major step toward dominating the Middle East and the Islamic world”, “Hezbollah is at the frontline of defending the Muslim Ummah and all the nations in this region”, “the Islamic Iran considers it its duty to resist the bullying and aggressive acts of the United States and the iniquities of the Zionist regime; it will stand side by side with all the oppressed nations, especially the honorable nation of Lebanon and the valiant nation of Palestine”

19 É importante notar que a Guerra no Líbano surgiu em um momento de grandes mudanças internas na Síria, uma vez que a morte de Hafez Al-Assad – que governava o país desde 1970 –, em 2000, trouxe um novo líder, seu filho, Bashar Al-Assad. A Guerra no Líbano, portanto, tornou-se uma oportunidade para que Bashar garantisse a consolidação do poder – ainda frágil – tanto interna quanto externamente.

identidades. Além disso, o fato de apenas Síria e Irã terem fornecido apoio à organização no embate contra Israel também indica a posição dessa aliança em relação à configuração do Oriente Médio. Ao fim do conflito, o Líder Supremo iraniano descreveu o triunfo da resistência islâmica libanesa como “uma vitória que trouxe honra às nações árabes e quebrou a falsa invencibilidade do exército do regime sionista”, sendo caracterizada como uma “vitória do Islã” (Khamenei, 2006b²⁰). Já Bashar Al-Assad, em uma conferência de imprensa em Damasco, declarou que o plano dos Estados Unidos para a região falhou por conta da atuação de Hezbollah no conflito (Voice of America, 2009).

Guerra Civil na Síria: permanência e continuidade

Após quase quatro décadas de aliança, a Primavera Árabe na Síria inaugurou um novo momento na relação entre Damasco e Teerã. Com a transformação das manifestações em um conflito civil, a fragmentação social e a destruição do território sírio, a manutenção da relação sírio-iraniana passou a estar atrelada à continuidade do regime de Bashar al-Assad. Além disso, o envolvimento de potências estrangeiras na guerra transformou a Síria não só em um espaço de disputa por influência regional, mas também em um símbolo da interferência externa no Oriente Médio.

Assim como outros países no Oriente Médio, em janeiro de 2011 a Síria enfrentou uma série de manifestações que exigiam mudanças socioeconômicas. A princípio pacíficos, os protestos em massa tomaram conta do cenário político sírio e, inflamados pela resposta violenta do Estado, gradualmente tiveram suas demandas modificadas, passando a exigir, inclusive, a queda do governo de Assad (Adams, 2015: 6; Mahmoud; Rosiny, 2016: 1; Pinto, 2013: 205; Van Dam, 2017: 78; Van Schaack, 2016: 5-6). Enquanto essas revoltas se espalhavam pelo país, a oposição – formada por civis e desertores das diferentes forças armadas – se tornou mais organizada e unificada e passou a receber apoio político, financeiro e militar do exterior, principalmente de países como Estados Unidos, Israel e Arábia Saudita. Diante da resiliência dos manifestantes opositores, o governo passou a adotar uma postura ainda mais rígida e agressiva, que, somada à influência estrangeira – também responsável por que cada lado se mantivesse na disputa – transformou a Primavera Árabe em um conflito civil (Adams, 2015: 6; Pinto, 2013: 217-218).

Após o enrijecimento da resposta do Estado sírio às manifestações, muitos países da região retiraram seu apoio a Assad. Indo na direção contrária, o Irã intensificou o auxílio à Síria e se tornou, com a Rússia, um dos principais apoiadores da continuidade do regime. Logo após o início dos protestos, a assistência era somente em termos técnicos e de aconselhamento sobre o controle e repressão de manifestantes de massa (Terrill, 2015: 229). Ao longo do conflito, no entanto, o suporte iraniano ao governo sírio mostrou que podia se adaptar de acordo com as circunstâncias, e à medida que os protestos se intensificavam o

20 Tradução nossa. No original: “the victory of Islam, a victory which brought honor to Arab nations and broke the feigned formidableness of the Zionist regime’s army”

Irã ampliou sua assistência e passou a fornecer apoio militar, econômico e político à Síria (Fulton; Holliday; Wyer, 2013: 27).

As motivações que sustentam o apoio iraniano ao governo de Assad são diversas. Com uma aliança de mais de quatro décadas, o investimento iraniano depositado na Síria não é pequeno. Desse modo, grande parte das análises tendem a focar nos elementos geopolíticos e de balança de poder que sustentam essa relação. Por um lado, o apoio iraniano é interpretado como um mecanismo para assegurar seu objetivo de se tornar uma potência regional; por outro, a perda de influência na Síria é vista como uma ameaça para a relação iraniana com o Hezbollah, uma vez que o envio de armas iranianas para a organização é feito por território sírio (Juneau, 2018: 2; Terrill, 2015: 226).

Essas interpretações, no entanto, ignoram que o apoio iraniano à Síria converge com o caráter anti-imperialista da sua identidade estatal. O possível surgimento de um governo aliado aos norte-americanos na Síria e a consolidação das monarquias do Golfo como potências regionais não só representam uma ameaça à posição iraniana de potência regional como contradizem elementos centrais da sua identidade. De acordo com o que foi posto anteriormente, desde a revolução a política externa do Irã tem sido marcada por tentativas persistentes de desafiar o *status quo*. Por mais que essa postura tenha sido atenuada, não só a oposição a Israel ainda constitui um elemento central da política externa do Irã, mas também o país permanece contra a influência norte-americana no Oriente Médio. Com isso, o envolvimento dos Estados Unidos no conflito faz com que o apoio à manutenção do governo de Assad seja uma forma do Irã reafirmar seus interesses e identidade.

Essa compatibilidade entre o apoio iraniano à Síria e sua identidade estatal pode ser observada a partir das declarações iranianas acerca do cenário sírio. Em manifestações sobre o conflito, o Líder Supremo do Irã enfatizou que “Os Estados Unidos e o regime sionista são os principais elementos por trás dos trágicos acontecimentos na Síria”. Condenando o envolvimento desses países na Síria, Khamenei considerou que “os principais culpados nas questões da Síria são aqueles que prepararam o terreno para inundar armas na Síria e dar apoio financeiro a grupos irresponsáveis”, argumentando que “o Movimento dos Não-Alinhados tem definitivamente mais direito do que os Estados Unidos, a OTAN e alguns países europeus de se envolver politicamente nas questões da Síria” (Khamenei, 2012²¹). Dessa forma, pode-se argumentar que a participação iraniana no conflito civil da Síria é condizente com os princípios anti-imperialistas de sua identidade, que permanecem pautando as preferências estratégicas do país.

Já para a Síria – mais especificamente para Assad –, o apoio do Irã no contexto da Primavera Árabe e do conflito no país passa a ser muito mais do que um reforço de interesses

21 Tradução nossa. No original: “America and the Zionist regime are the main elements behind the tragic events that are happening in Syria”, “the main culprits in the issues of Syria are those who have prepared the ground for flooding weapons into Syria and giving financial support to irresponsible groups”, “the Non-Aligned Movement is definitely more entitled than America, NATO and certain European countries to become politically involved in the issues of Syria”

regionais. Trata-se, em primeiro lugar, de uma garantia de sobrevivência do regime. Diferentemente dos outros dois momentos selecionados por esta pesquisa, o governo de Assad se vê isolado na região por conta de posicionamentos que adota diante de um contexto interno – que tem potencial para destruir sua posição. Dessa forma, contar com o apoio do Irã é de suma importância para a sua manutenção no poder. Além disso, a identidade anti-imperialista síria também se faz presente no contexto da guerra, uma vez que as potências ocidentais e os países do Golfo se colocam contra Assad nas negociações e são responsáveis pelo financiamento dos combatentes que lutam contra as forças de Assad na guerra, de modo que o apoio iraniano converge com essa posição.

Observa-se, assim, que por mais que o contexto da Síria, isolada regionalmente e desmantelada internamente, pudesse pressionar o Irã a retirar seu apoio a partir de um cálculo de custos e benefícios, a complementariedade das suas identidades e a consolidação dessa aliança ao longo de quatro décadas contribuíram para a continuidade da relação. O reforço contínuo dessa aliança ao longo dos anos fez com que ela passasse a compor a própria identidade dos dois países, o que pode nos ajudar a compreender a permanência do auxílio iraniano mesmo após tantos anos de conflito.

Conclusão

Desde 1979, a relação entre Síria e Irã tem se mostrado uma aliança estável e duradoura, constituindo uma das mais importantes do Oriente Médio. Para muitos pesquisadores a análise da relação entre esses países se baseia na ideia de um “casamento de conveniência contra inimigos comuns em uma atmosfera de crise e de isolamento político no Oriente Médio” (Kandil, 2008: 440²²). Essa perspectiva, no entanto – ancorada apenas em questões geopolíticas e estratégias, que consideram a balança de poder (nesse caso regional) como determinante no estabelecimento de alianças entre os Estados –, negligencia questões intersubjetivas envolvidas na formação dos interesses e identidades desses países, assim como seus processos de identificação de ameaças e formação de alianças.

Diante das limitações dessa abordagem, este artigo procurou elucidar os aspectos identitários e intersubjetivos envolvidos no processo de formação de interesses e alianças entre os Estados. Isso não significa que a relação sírio-iraniana não envolva cálculos estratégicos acerca da configuração geopolítica regional e internacional, mas sim que esses cálculos são elaborados diante de um determinado contexto social. Como foi apresentado anteriormente, é por meio da interação social que as configurações geopolíticas adquirem significado e importância na determinação das alianças entre os Estados. Com isso, as ideias influenciam o comportamento dos Estados ao delimitar as ações que são consideradas necessárias, possíveis ou descartadas, de modo que a identidade constitui o próprio contexto diante do qual as relações externas são formuladas e as alianças estabelecidas.

22 Tradução nossa. No original: “a marriage of convenience against common enemies in an atmosphere of crisis and political isolation in the Middle East”

Nesse sentido, defendeu-se o argumento de que a aliança entre Síria e Irã é um “casamento por convergência”. Enquanto o termo “conveniência” transmite uma ideia de casualidade entre os interesses externos de Síria e Irã – reduzindo a relação a um mero arranjo momentâneo de interesses em comum, que pode se dissolver a qualquer momento em que esses interesses não estiverem mais alinhados –, a “convergência” busca destacar a complementariedade entre suas identidades e o quanto isso contribuiu para a consolidação da aliança ao longo dos anos. Neste ponto é importante salientar que a ideia de convergência entre as identidades não pressupõe um total alinhamento de seus interesses externos, já que não só os aspectos identitários se modificam ao longo do tempo, mas também sua centralidade na formação de parcerias externas varia de acordo com o interlocutor. Nesse sentido, ainda que alguns elementos identitários dos Estados sírio e iraniano possam parecer opostos – como o caráter islâmico do Irã pós-revolução e o secularismo da Síria de Assad –, esses aspectos não impedem que a relação seja sustentada em outros pontos de convergência – como o anti-imperialismo e a oposição a Israel. Esses elementos foram identificados por este artigo como centrais para motivar a aproximação entre os dois países e permaneceram relevantes ao longo do desenvolvimento de sua relação.

Dessa forma, como foi possível notar nos três momentos anteriormente analisados, a identidade anti-imperialista de ambos os países – traduzida na oposição ao envolvimento norte-americano na região e no protagonismo de Israel – constitui um aspecto central de suas políticas externas. Essa identidade dá forma à ação externa desses Estados, compondo seus posicionamentos e discursos, e torna-se peça fundamental da consolidação da aliança. Essa convergência de interesses externos anti-imperialistas se faz notar de maneira mais significativa nos dois primeiros momentos apresentados – a Guerra Irã-Iraque e a Guerra do Líbano. Nesses cenários a convergência entre as identidades síria e iraniana, somadas a um contexto de isolamento, possibilitou a aproximação e o reforço da parceria entre os dois países.

Assim como a convergência de determinados aspectos de suas identidades possibilitou o estabelecimento da aliança sírio-iraniana, a própria parceria entre os dois países também passou a modificar e compor seus interesses externos. Nesse sentido, o que a análise da Primavera Árabe na Síria nos mostra é, que mesmo em um momento em que a identidade síria anti-imperialista não é mais tão central quanto outrora – muito por conta da necessidade primária de sobrevivência do governo de Assad –, a aliança mantém-se firme. Isso se justifica pela constituição colaborativa entre as identidades e a aliança entre Síria e Irã, que fez com que, com o passar do tempo, essa parceria se tornasse parte constitutiva dos interesses dos países envolvidos. Dessa forma, o que se observa é que após 30 anos de aliança a associação sírio-iraniana não só é resultado da convergência entre suas identidades e interesses estatais, como compõe as próprias identidades dos dois países, tornando-se intrínseca a elas e contribuindo para sua manutenção.

Referências

ADAMS, Simon. "Failure to Protect: Syria and the UN Security Council". *Occasional Paper Series*, n. 5, p. 1-26, 2015. Disponível em: http://www.globalr2p.org/media/files/syriapaper_final.pdf. Acesso em: 4 dez. 2023.

ADLER, Emanuel. "Constructivism in International Relations: Sources, Contributions, and Debates". In: CARLNAES, Walter; RISSE, Thomas; SIMONS, Beth (ed.). *Handbook of International Relations*. 2. ed. Thousand Oaks: SAGE, 2013.

ADLER, Emanuel. "O construtivismo no estudo das relações internacionais". *Lua Nova*, n. 47, p. 201-246, 1999. DOI: 10.1590/S0102-64451999000200011.

ADIB-MOGHADDAM, Arshin. *Iran in World Politics: The Question of the Islamic Republic*. New York: Columbia University Press, 2010.

ALAGHA, Joseph. *Hizbullah's Documents: From the 1985 Open Letter to the 2009 Manifesto*. Amsterdam: Pallas, 2011.

ALIMAGHAM, Pouya. *Contesting the Iranian Revolution: The Green Uprisings*. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

AVON, Dominique; KHATCHADOURIAN, Anaïs-Trissa. *Hezbollah: A History of the Party of God*. Cambridge: Harvard University Press, 2012

BAYAT, Asef. "The Coming of a Post-Islamist Society". *Critique: Critical Middle Eastern Studies*, v. 5, n. 9, p. 43-52, 1996. DOI: 10.1080/10669929608720091.

BARNETT, Michael N. "Identity and Alliances in the Middle East". In: KATZENSTEIN, Peter J. (ed.). *The Culture of National Security: Norms and Identity in World Politics*. New York: Columbia University Press, 1996.

BICKERTON, Ian J. *The Arab-Israeli Conflict: A History*. London: Reaktion, 2009.

CHERNOFF, Fred. *Theory and Metatheory in International Relations: Concepts and Contending Accounts*. London: Palgrave Macmillan, 2007.

CONSTITUTE. "Iran (Islamic Republic of) of 1979 (rev. 1989)". *Constitute Project*, [2023]. Disponível em: https://constituteproject.org/countries/Asia/Iran_Islamic_Rep_of_?lang=en. Acesso em: 4 dez. 2023.

DARWICH, May. "Ideational and Material Forces in Threat Perception: The Divergent Cases of Syria and Saudi Arabia During the Iran–Iraq War (1980–1988)". *Journal of Global Security Studies*, v. 1, n. 2, p. 142-156, 2016. DOI: 10.1093/jogss/ogw005.

EL-HUSSEINI, Rola. "Hizbullah and Regional Non-State Actors". In: SHEHATA, Samer S. (ed.). *Islamist Politics in the Middle East: Movements and Change*. Abingdon: Routledge, 2012. p. 166-182.

EL-HUSSEINI, Rola. Hezbollah and the Axis of Refusal: Hamas, Iran and Syria. *Third World Quarterly*, v. 31, n. 5, p. 803–815, 2010. DOI: 10.1080/01436597.2010.502695

EHTESHAMI, Anoushiravan; HINNEBUSCH, Raymond. *Syria and Iran: Middle Powers in a penetrated Regional System*. London: Routledge, 1997.

FINNEMORE, Martha. *National Interests in International Society*. Ithaca: Cornell University Press, 1996.

FRIEDMAN, Yaron. *The Nuṣayrī-ʿAlawīs: An Introduction to the Religion, History and Identity of the Leading Minority in Syria*. Leiden: Brill, 2010.

FULTON, Will; HOLLIDAY, Joseph; WYER, Sam. *Iranian Strategy in Syria*. United States of America: AEI'S Critical Threats Project/Institute for The Study of War, 2013. Disponível em: <https://tinyurl.com/a95n35fd>. Acesso em: 4 dez. 2012.

GOODARZI, Jubin M. *Syria and Iran: Diplomatic Alliance and Power in the Middle East*. London: I.B. Tauris, 2009.

GUZZINI, Stefano; LEANDER, Anna. *Constructivism and International Relations: Alexander Wendt and his Critics*. Abingdon: Routledge, 2006.

HAREL, Amos; ISSACHAROFF, Avi. *34 Days: Israel, Hezbollah, and the War in Lebanon*. New York: Palgrave Macmillan, 2008.

HARRIS, William. "Lebanon's Roller Coaster Ride". In: RUBIN, Barry (ed.). *Lebanon: Liberation, Conflict, and Crisis*. New York: Palgrave Macmillan, 2009. p. 63-82.

HINNEBUSCH, Raymond A. *Syria: Revolution from above*. Abingdon: Routledge, 2005.

HINNEBUSCH, Raymond A. *Authoritarian Power and State Formation in Ba'athist Syria: Army, Party, and Peasant*. Boulder: Westview Press, 1990.

HUNTER, Shireen T. *Iran's Foreign Policy in the Post-Soviet Era*. Santa Barbara: Praeger, 2010.

HURD, Ian. "Constructivism". In: SNIDAL, Duncan; REUS-SMIT, Christian (ed.). *The Oxford Handbook of International Relations*. New York: Oxford University Press, 2008. p. 298-316.

JEPPEPERSON, Ronald; WENDT, Alexander; KATZENSTEIN, Peter. "Norms, Identity and Culture in National Security". In: KATZENSTEIN, Peter J. (ed.). *The Culture of National Security: Norms and Identity in World Politics*. New York: Columbia University Press, 1996.

JUNEAU, Thomas. "Iran's Costly Intervention in Syria: A Pyrrhic Victory". *Mediterranean Politics*, v. 25, n. 1, p. 1-19, 2018. DOI: 10.1080/13629395.2018.1479362.

KANDIL, Hazem. "The Challenge of Restructuring: Syrian Foreign Policy". In: KORANY, Bahgat. *The Foreign Policies of Arab States: The Challenge of Globalization*. Cairo: The American University in Cairo Press, 2008. p. 421-455.

KARSH, Efraim. *The Iran-Iraq War, 1980-1988*. Oxon: Osprey, 2002.

KATZENSTEIN, Peter J. (ed.), *The Culture of National Security: Norms and Identity in World Politics*. New York: Columbia University Press, 1996.

KHAMENEI, Ali. "A Congratulatory Message to Sayyid Hasan Nasrallah on the Victory of the Lebanese Islamic Resistance". Khamenei.ir, 2 ago. 2006b. Disponível em: <https://english.khamenei.ir/news/217/A-Congratulatory-Message-to-Sayyid-Hasan-Nasrallah-on-the-Victory>. Acesso em: 4 dez. 2023.

KHAMENEI, Ali. "Leader Meets with Prime Minister of Syria". Khamenei.ir, 31 ago. 2012. Disponível em: <https://english.khamenei.ir/news/1676/Leader-Meets-with-Prime-Minister-of-Syria>. Acesso em: 4 dez. 2023.

KHAMENEI, Ali. "Leader's Message on Condemnation of the Zionist Regime's Crimes in Lebanon". Khamenei.ir, 1 ago. 2006a. Disponível em: <https://english.khamenei.ir/news/218/Leader-s-Message-on-Condemnation-of-the-Zionist-Regime-s-Crimes>. Acesso em: 4 dez. 2023.

KOWERT, Paul. "Toward a Constructivist Theory of Foreign Policy". In: KUBALKOVA, Vendulka (ed.). *Foreign Policy in a Constructed World*. Abingdon: Routledge, 2015.

LEVITT, Matthew. *Hezbollah: The Global Footprint of Lebanon's Party of God*. Washington, DC: Georgetown University Press, 2015.

MAHMOUD, Rustum; ROSINY, Stephan. "Opposition Visions for Preserving Syria's Ethnic-Sectarian Mosaic". *British Journal of Middle Eastern Studies*, v. 45, n. 2, p. 231-250, 2016. DOI: 10.1080/13530194.2016.1246241.

MARTIN, Vanessa. *Creating an Islamic State: Khomeini and the Making of a New Iran*. London: I.B. Tauris, 2003.

MIRSEPASSI, Ali. *Iran's Troubled Modernity: debating Ahmad Fardid's legacy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

NORTON, Augustus Richard. *Hezbollah: A Short History*. Princeton: Princeton University Press, 2007.

NORTON, Augustus Richard. "The Peacekeeping Challenge in Lebanon". In: YAHYA, Maha (ed.). *The Sixth War: Israel's Invasion of Lebanon*. The MIT Electronic Journal of Middle East Studies, p. 76-79. Summer, 2006.

PINTO, Maria do Céu. "Nacionalismo árabe e pan-arabismo". *Observare: Universidade Autónoma de Lisboa*, p. 84-85, 2016. Disponível em: http://janusonline.pt/images/anuario2015/2.15_MariaCeuPinto_pan_arabismo.pdf. Acesso em: 2 maio 2023.

PINTO, Paulo Gabriel Hilu. "Syria". In: AMAR, Paul; PRASHAD, Vijay (ed.). *Dispatches from the Arab Spring: Understanding the New Middle East*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2013. p. 204-242.

SAMII, Abbas William. "A Stable Structure on Shifting Sands: Assessing the Hizbulah-Iran-Syria Relationship". *Middle East Journal*, v. 62, n. 1, p. 32-53, 2008. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/25482471>. Acesso em: 4 dez. 2023.

SEALE, Patrick. *Assad of Syria: The Struggle for the Middle East*. London: University of California Press, 1995.

TERRILL, William Andrew. "Iran's Strategy for Saving Assad". *The Middle East Journal*, v. 69, n. 2, p. 222-236, 2015. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/579575/pdf>. Acesso em: 4 dez. 2023.

VAN DAM, Nikolaos. *Destroying a Nation: The Civil war in Syria*. New York: I.B. Tauris, 2017.

VAN DAM, Nikolaos. *The Struggle for Power in Syria: Politics and Society Under Assad and the Ba'ath Party*. New York: I.B. Tauris, 2011.

VAN SCHAACK, Beth. "Mapping War Crimes in Syria". *Social Science Research Network Electronic Journal*, v. 92, n. 282, p.1-59, 2016. DOI: 10.2139/ssrn.2748776.

VOICE OF AMERICA. Syria's Assad Says Hezbollah Victorious Against Israel. *Voa News*, 31 out. 2009. Disponível em: <https://www.voanews.com/a/a-13-2006-08-15-voa41/320689.html>. Acesso em: 4 dez. 2023.